




O FUTURO. 40 ANOS DE PATRIMÓNIO MUNDIAL

Angra não pode transformar-se num investimento imobiliário

Págs. 1 a VIII



Apoio Câmara Municipal de Angra do Heroísmo 

ANTONIETA REIS LEITE, ARQUITETA

Arquitetura de qualidade pode atrair pessoas para o centro histórico

Antonieta Reis Leite, arquiteta e investigadora da Universidade de Coimbra, considera que Angra do Heroísmo foi um exemplo na recuperação do sismo de 80 e espera que o futuro da cidade seja próspero. Para atrair a população para o centro histórico defende uma aposta na arquitetura de qualidade, sobretudo nos espaços públicos, muitas vezes esquecidos.

PARTICIPOU NUMA MESA REDONDA QUE ASSINALOU OS 40 ANOS DA INTEGRAÇÃO DE ANGRA DO HEROÍSMO NA LISTA DE PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO), COM O TÍTULO "E COMO PODEMOS PREPARAR O FUTURO?". NO FINAL DO DEBATE, O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO, ÁLAMO MENESES, DISSE QUE A CIDADE ERA UM EXEMPLO. NA SUA OPINIÃO, ANGRA É EFETIVAMENTE UM EXEMPLO DE RECUPERAÇÃO DE PATRIMÓNIO, DEPOIS DO SISMO DE 1980 QUE PRATICAMENTE DESTRUÍU A CIDADE?

Eu acho que Angra é aliás, reconhecidamente, um exemplo pelo seu trajeto. Não há qualquer dúvi-

da disso. Às vezes custa-me fazer algumas críticas, porque eu sei que toda a gente aqui faz o melhor que pode. Eu que, quando cá estou, vivo no centro da cidade, reconheço que é um sítio muito agradável para viver. E, por isso, até me custa às vezes a perceber porque é que as pessoas não querem viver aqui. Acho que as questões que se põem hoje em cima da mesa são bem mais complexas do que simplesmente querer ou não viver cá, como aliás foi bastante explicado.

DISSE QUE É DIFÍCIL FAZER CRÍTICAS, MAS TEM ALGUMAS CRÍTICAS A FAZER?

Tenho, porque, apesar de tudo,



CENTRO HISTÓRICO. Antonieta Reis Leite defende que pode haver contemporaneidade desde que com qualidade



CIDADE. "Angra é reconhecidamente um exemplo pelo seu trajeto"

tenho algum conhecimento técnico e vejo que há opções que poderiam ser outras que não estas e que acho que teriam, a longo prazo, em especial, um impacto muito mais positivo do que as que estão a ser tomadas, nomeadamente, apesar de isso não ser o essencial, nas questões de forma, nas questões da materialidade. Esta questão, que também foi referida, de querermos deixar um património para o futuro, saber que no século XXI também se viveu nesta cidade, acho que é fundamental. Acho que estamos de acordo no fim, os meios para chegar lá é que se calhar não são os mesmos. Eu não sou política, não tenho de tomar essas decisões, sou académica, olho para estas questões de um ponto de vista muitas vezes mais teórico.

LANÇOU O DESAFIO DE SE INTRODUIZIR TAMBÉM ALGUMA CONTEMPORANEIDADE NA CIDADE. É POSSÍVEL CONJUGAR ESSA CONTEMPORANEIDADE COM O PATRIMÓNIO EXISTENTE?

Eu julgo que sim. Aliás, eu disse isso e o arquiteto José Parreira, de

uma forma muito eloquente, também o disse. De facto, o contemporâneo está cá sempre. Sempre que um arquiteto intervém, está a intervir de uma forma contemporânea. Podemos é fazê-lo a imitar o passado ou a dar espaço para que as linguagens contemporâneas também existam, com qualidade, sempre. Acho que o que tem de ficar assegurado é a qualidade, num caso ou noutro.

É PRECISO CONFIAR NOS ARQUITETOS, COMO DISSE NA SUA INTERVENÇÃO? Também. Sem dúvida.

ESSA CONTEMPORANEIDADE QUE DEFENDE É BEM VISTA PELA UNESCO? HÁ SEMPRE ALGUM RECEIO DE QUE SE POSSA PERDER A DISTINÇÃO CONSEGUIDA EM 1983 COM A INTRODUÇÃO DE ELEMENTOS NOVOS.

Com qualidade, integrando a paisagem urbana histórica, que é um conjunto de princípios que a UNESCO hoje em dia defende: olhar para o todo, para a paisagem e para a paisagem urbana histórica, no sentido de uma paisagem em contínuo, que existe



e com um tratamento, nomeadamente do espaço público, também de qualidade. Tem que ser agradável, tem de ser bom viver aqui, tem de ser fácil ter filhos aqui, levá-los à rua, ter espaços para eles estarem na rua sem estarem sempre a tropeçar em carros, ter passeios arranjados, mas não é só isso, é mais do que isso. É ter um lugar para viver de forma saudável.

ESTAMOS DEMASIADO PREOCUPADOS COM AS CASAS E MENOS COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS?

É uma característica portuguesa preocupar-se da porta para dentro e da porta para fora achar que não é relevante, mas de facto, o espaço público é muito importante.

HÁ ALGUM EXEMPLO DE UMA CONSTRUÇÃO QUE TENHA SIDO FEITA EM ANGRA DO HEROÍSMO QUE PREFERISSE QUE TIVESSE SIDO DIFERENTE?

Perturba-me algumas usurpações do espaço público, precisamente. E vou ficar por aqui.

COMEÇAMOS POR FALAR DO PASSADO, DO EXEMPLO QUE ANGRA FOI PARA OUTRAS CIDADES, MAS OLHANDO AGORA PARA O TÍTULO DA MESA REDONDA EM QUE PARTICIPOU, QUE FUTURO ANTEVÊ PARA A CIDADÉ?

Eu espero que seja de facto um futuro próspero e brilhante como tem sido até agora.



Natural de Angra do Heroísmo, Antonieta Reis Leite é investigadora auxiliar no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e professora auxiliar convidada no departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

Licenciada em arquitetura pela Universidade de Coimbra, obteve um diploma de estudos avançados em história da arte pela Uni-

versidade Pablo de Olavide (Espanha), onde concluiu o curso de História da Arte e Arquitetura na Ibero América.

Doutorou-se na Universidade de Coimbra com uma investigação sobre a história do ambiente construído do arquipélago dos Açores na sua relação com o processo de povoamento das ilhas descobertas despovoadas no séc. XV.

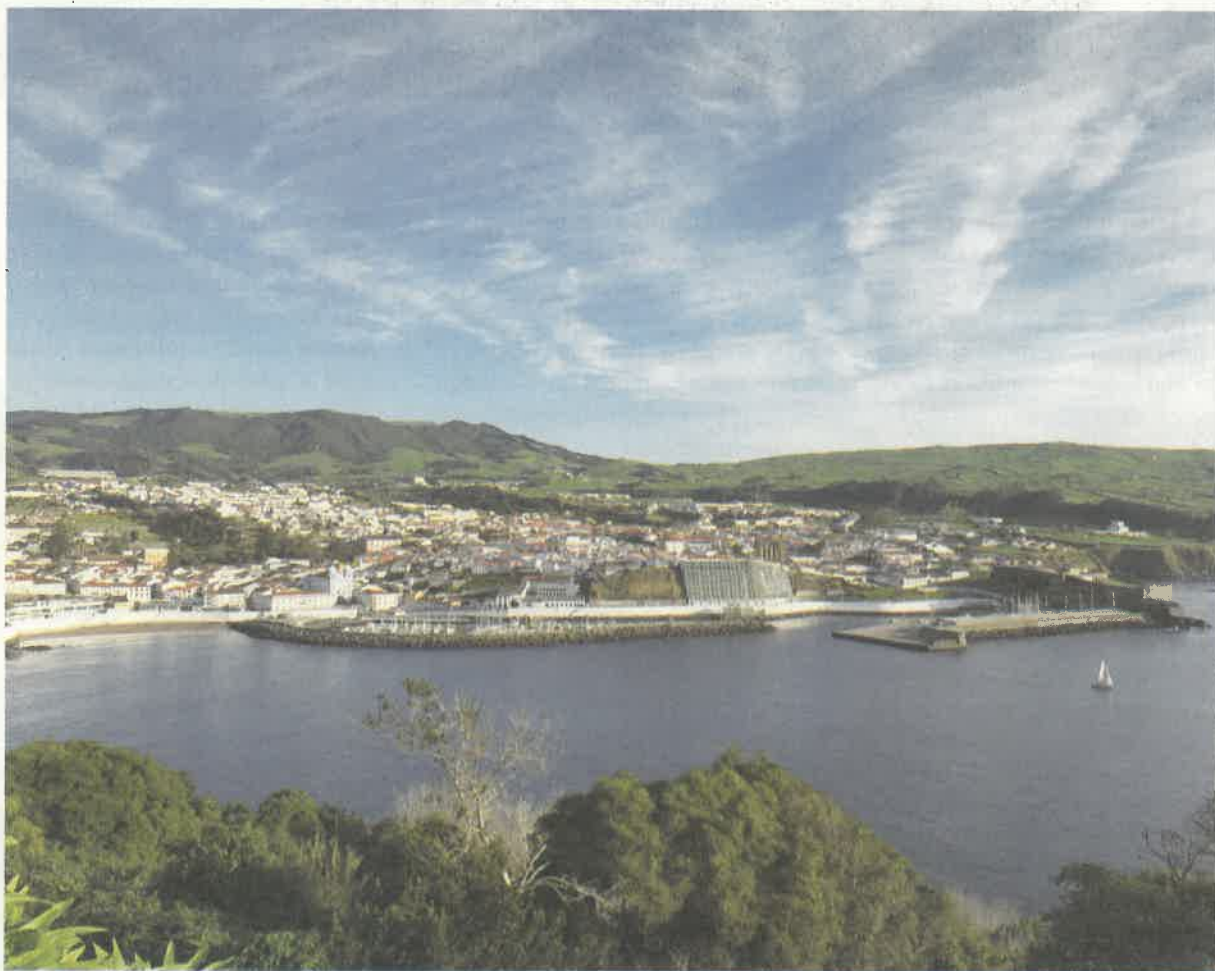
no passado, mas também existe no presente, que não rompe com o presente e não rompe com o futuro. O que a paisagem urbana histórica defende é precisamente isso, é uma paisagem que não é do passado, mas que acrescenta camadas de história, que vivem em conjunto numa cidade.

A UNESCO, HOJE EM DIA, TAMBÉM TEM UMA OUTRA VISÃO DO PATRIMÓNIO, QUE DEVE SER USUFRUÍDO PELA POPULAÇÃO.

Exato, a paisagem urbana histórica pretende também ser isso. Defende exatamente essa unidade da paisagem como um todo, com o material e o imaterial, portanto, com as pessoas, fazendo parte do todo.

COMO É QUE SE INCENTIVAM AS PESSOAS A REGRESSEM AO CENTRO HISTÓRICO?

Os meus colegas de mesa tinham soluções melhores do que as minhas, com certeza. Na dimensão que me cabe aqui falar, que é da arquitetura, acho que é exatamente com arquitetura de qualidade



ANGRA DO HEROÍSMO. Cidade tem de ser agradável e ter espaço para sair à rua sem tropeçar em carros

MESA-REDONDA SOBRE FUTURO DA CIDADE SINALIZA FENÓMENO

Angra tornou-se muito atrativa. O perigo é a gentrificação

CENTRO. O presidente do município considera que o aumento dos preços dos imóveis é “preocupante” e o economista Nuno Martins aponta um caminho.



PATRIMÓNIO MUNDIAL. Debate encerrou ciclo de conferências promovido pelo município e pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira

Em julho de 1980, Correia Guedes, engenheiro civil, chegou à Terceira. Fora requisitado para prestar serviço no Gabinete de Apoio à Reconstrução de Angra do Heroísmo, atingida pelo sismo de um de janeiro desse ano. No primeiro dia, percorreu a cidade, para melhor a conhecer. “Causou-me uma profunda impressão pela qualidade das construções, apesar das partes arruinadas que exibia”, recordou. O futuro de Angra do Heroísmo, que se ergueu do terramoto para ser inscrita, em dezembro de 1983, na lista do Património Mundial da UNESCO, esteve em debate, segunda-feira, numa mesa redonda que juntou o testemunho de Correia Guedes à visão da arquiteta Antonieta Reis Leite (ver entrevista) e à análise do economista Nuno Martins e de Sandra Garcia, que está a de-

envolver uma tese de doutoramento sobre “Como as decisões políticas moldaram a paisagem urbana de Angra do Heroísmo”. Os desafios com que Angra é confrontada mudaram ao longo das décadas. Atualmente pode estar a desenhar-se no horizonte um cenário de gentrificação (ocupação dos centros urbanos por pessoas com capacidade financeira superior às que lá habitam), também impulsionado pela aposta no setor do Turismo. “A gentrificação está a acontecer. O município registou Angra como uma zona de alta pressão urbanística, o que tem um efeito: Todas as transações de imóveis passam pela autarquia”, afirmou, na sessão, o presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Álamo Meneses. “Há casas que olho para elas e não vejo nada de especial a se-

rem vendidas por meio milhão de euros. Praticamente não se vende nenhuma casa do centro de Angra que não custe pelo menos uns 250 mil euros. Estamos a falar de valores assim e, ao mesmo tempo, a ver rendas a aproximarem-se, em alguns casos, de um milhão de euros”, exemplificou. Para o autarca, o discurso e as soluções para Angra têm de mudar. Ao centro já não se ajusta a narrativa de que está vazio. O dilema pode morar mesmo no excesso de atratividade. “Só não há mais gente a viver no seu interior porque não há mais casas, nem mais espaços. Se houvesse, os preços desceriam. Está a acontecer uma rápida gentrificação da nossa cidade, com valores no imobiliário que não colocam a habitação no centro de Angra ao alcance da generali-

dade das famílias”, admitiu.

Nuno Martins, economista e professor na Universidade Católica, foi o primeiro a dar o alerta para o problema no debate, promovido pelo município e pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira. “Há a questão de fundo e, depois, as receitas que podemos aplicar. Nem sempre temos os instrumentos todos a nível local”, apontou o economista, que alertou que o problema coloca-se sobretudo quando a “habitação começa a ser usada para acumulação de capital e não para habitar”. Após a crise financeira, com taxas de juro baixas, o imobiliário surgiu como uma oportunidade de investimento “particularmente atrativo face a outras oportunidades alternativas”, lembrou. “A questão de fundo é como é que se faz que a habitação seja para residentes habitarem e não

para mera especulação. Passa por incentivos fiscais, que façam com que não seja benéfico acumular capital na forma de imobiliário”, referiu.

Nuno Martins considerou que a reconfiguração necessária do sistema fiscal “não é impossível”, mas que implica “alguma unificação do registo a nível nacional, para se poder perceber até que ponto é que já está a existir uma acumulação”.

O sistema “não pode ser tão atrativo para quem não vai residir, senão o que acaba por acontecer é este processo a que assistimos”.

Para o economista, é preciso também debater a questão do Turismo. “Se o rendimento que é trazido pelo Turismo não é distribuído pela população de modo a compensar o aumento do custo de vida, não está a ser benéfico. Isso está ligado à questão do imobiliário”, explicou o professor da Católica.

Na opinião de Nuno Martins, a questão fiscal terá de ser articulada com outros municípios a nível nacional.

Álamo Meneses referiu que, atualmente, o município apenas tem o poder de alterar o IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis) dentro de uma “banda muito estreita”. Nuno Martins considerou também que a cidade tem de ser entendida com a sua envolvente e que tem “as suas competências enraizadas na sua cultura e no seu território”.

“A cidade, sendo um centro a partir do qual se impõe uma certa ordem ao território, é também uma fonte de mudança. A questão que se coloca é se a cidade vai ser facilitadora de uma mudança que seja de facto inclusiva e resolva os problemas sociais,

dentro dos limites ecológicos, ou se vai ser apenas uma localidade onde se aglomeram as pessoas com maiores recursos financeiros”, apontou.

IR AO ENCONTRO DAS PESSOAS

Sandra Garcia abordou como as decisões políticas moldaram Angra do Heroísmo, para defender que ainda hoje isso pode acontecer.

“Há novos desafios que se nos apresentam, desde a praga das térmitas, às alterações climáticas, às questões financeiras. Todo um novo leque de problemas que se apresentam aos angrenses”, afirmou.

Para Sandra Garcia, a solução deve respeitar a herança patrimonial, mas aliá-la aos interesses das pessoas.

O espaço envolvente, disse, será mais fácil de orientar. “Gostava muito de ver novas obras, novos rasgos, que os nossos arquitetos façam a sua assinatura, de modernidade. Fora do centro histórico há uma latitude muito maior”, sustentou.

No centro histórico, sugeriu que seja pensado o recurso ao fachadismo; isto é, a preservação das fachadas, mas não tanto do interior dos edifícios.

“Para alguns arquitetos é algo que coloca em causa a própria integridade e veracidade do edifício e eu percebo”, admitiu, res-

**Sandra Garcia
sugere
recurso
ao fachadismo**

DECISÕES NO CENTRO HISTÓRICO

Presidente da Câmara rejeita “gestão híbrida”

O presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo criticou, no encerramento da mesa-redonda, a “gestão híbrida” que considera ainda existir sobre o centro histórico.

Álamo Meneses referiu-se à direção regional da Cultura para considerar que “passamos o tempo a tropeçar uns nos outros”.

“Esse tropeçar não é bom para a cidade nem para o funcionamento, nem para uma entidade que se quer próxima das pessoas, que é a câmara municipal”, disse.

Para Álamo Meneses, é preciso que “40 anos depois, Angra atinja a sua maturidade e se emancipe”.

O município, apontou o autarca, deve funcionar “livremente naquilo são as suas atribuições e dentro do que o povo angrense escolheu”.

Angra do Heroísmo integra a Organização das Cidades Património Mundial. Este ano, acolheu uma das reuniões do secretariado da Europa do sul e Mediterrâneo.

Álamo Meneses frisou que uma das conclusões do encontro foi que Angra é “um exemplo do que pode e deve ser feito”.

No discurso de abertura da mesa-redonda, o presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Olívio Rocha, destacou a importância do ciclo de conferências que agora termina e que decorreu desde abril para pensar Angra, nos 40 anos da sua classificação.

salvando que há, contudo, bons exemplos.

“O fachadismo não levado ao extremo podia fazer uma conjugação do que são os interesses coletivos e o que é o conforto individual e a esfera privada das escolhas. Do ponto de vista político, para quem quer, ao mesmo tempo, preservar o património e resolver a vida das pessoas, percebem que é apetecível”, defendeu.

Sandra Garcia venceu que “quando não vamos ao encontro das necessidades das pessoas, o re-

sultado é sempre pior”.

O centro histórico permanece como o fruto de várias opções políticas. “Uma de que nos orgulhamos é a da reconstrução após o sismo de 80. Tudo poderia ser possível e vários cenários foram equacionados. Podia ter-se feito tábuas rasas ou ter feito uma cidade completamente nova. Mas Angra renasceu, qual Fénix, preservando o seu passado”, recordou.

Foi a mesma cidade que Correia Guedes percorreu em 1980, entre escombros, mas ainda única.





JÚLIO ROCHA (*)

VÓMES P' RÁ C' DIADE

“Angra é sempre bela, vista de qualquer lado, analisada sob qualquer perspectiva”



A primeira vez que meu avô veio a Angra andava-se pelos anos trinta do século passado, princípios, estava ele com 19 anos. Sentou-se nas bordas de uma carroça, ainda madrugava, para chegar, já dia feito, à cidade. Lembro-me de ele me ter dito que entrara, para comer qualquer coisa, no Tio Bailão. Nunca tinha visto tanta abundância de comida por cima do balcão. Aquilo era queijos, frescos e de peso, tortas, pão, lapas, vinho quanto queira, aguardente e algumas mesas sebosas espalhadas pelo espaço, onde o chão térreo recebia os pés descalços dos transeuntes e as pontas dos cigarros de folha e as cuspidelas dos mais atrevidos. Angra já era um mundo para quem vinha dos confins da ilha, das freguesias adormecidas e cinzentas, onde nada se passava.

A primeira visita a Angra de que me recordo remonta a 1977, teria uns oito anos. A escola organizou uma excursão da Fonte do Bastardo à cidade... A Cidade. Tanto ouvimos falar da cidade... Dos meninos da cidade que, às vezes, na Rádio Clube de Angra, ouvimos falar, com aquele sotaque snob de meninos e meninas de cidade, por quem nós, os aldeões abrutalhados das freguesias, nutríamos um sentimento de in-

ferioridade marcado pelas nossas roupas mais pobres, o nosso falar mais rural, a nossa vergonha de não saber tão bem as boas maneiras, e, ao mesmo tempo, aquela ironia infantil de quem julga que os meninos da cidade nasceram numa estufa e se põem aos gritos quando vêm uma aranha, um rato ou mesmo uma galinha.

O autocarro velho que nos levava fez aquela curva aziaga mesmo no início da Grotta do Vale, lá em cima e esta é uma recordação bem impregnada na minha memória: o colosso do Monte Brasil, verde-escuro, imponente probóscide de terra, nariz da Ilha, companheiro da Cidade. Em baixo, a baía. Assustou-me o escuro das águas, o seu subtil movimento em correntes mansas, a profundidade que eu imaginava pela escuridão. Então não sabia, mas era aquela angra, aquela baía encovada e calma, a verdadeira razão de existir a cidade. De lá nascem duas ruas, Direita e de São João, para não falar da mais primitiva rua de Santo Espírito, que conduzem a baía até ao coração da cidade.

Voltei a ver Angra, desta vez reduzida a cinzas. Janeiro de 1980. Quase defunta, a cidade parecia condenada a apodrecer, as casas aluídas, o entulho ainda no chão, o caos de um sismo.

Só regresssei em 1984, depois do Seminário Menor, para me instalar, de forma um pouco definitiva, na cidade. Ressuscitara, qual Fénix, com uma velocidade incomparável, uma rapidez sem par, uma organização que a fez ressurgir, quase igual na essência, agora com esqueleto de betão armado. Trabalho meritório e colossal.

Angra é bela nas suas ruas de traça renascentista, ruas largas e abundantes, retilíneas, fartas. Numerosos são os estilos arquitetónicos, mas o seu cariz colonial, com as barras coloridas dão-lhe aquele sabor a presépio, cidade pequena mas uniforme, cuidada e nobre nos seus monumentos principais, mas sobretudo no seu conjunto harmónico, caso único na arquitetura das cidades portuguesas.

O que é que se gosta mais em Angra? Dirá alguém que é o Castelo de São João Batista, mole enorme, uma das maiores fortalezas construídas por Espanha em todo o mundo, cinco quilómetros de muralha, um pouco, digamos, desaproveitada, ali poderia existir muito mais do que exército: turismo e cultura teriam ali o lugar preferencial.

Dirão outros que é o Palácio dos Capitães Generais, o Museu, a Sé, ou o conjunto de igrejas e conven-

tos que nos orgulham. Há quem diga que são as barras das casas, felizes e coloridas, as varandas, de madeira ou ferro forjado, que constituiriam, por si, só, motivo de um percurso turístico.

Alguns, talvez mais experientes, falaram da cidade no seu conjunto, da sua história incrível, da sua harmonia e nobreza de edifícios e espaços.

Concordo com todos. Angra é sempre bela, vista de qualquer lado, analisada sob qualquer perspectiva.

Resta-me um capricho. Acho que, mesmo bastante secundária, há uma ruazinha que, bem tratada, seria um mimo: falo da Rua do Pisão, um zigzague antigo entre a Memória e o Museu de Angra, com as suas curvas apertadas, a sua íngreme descida aos esses. Imaginem a Rua do Pisão com as suas casinhas todas refeitas, barras coloridas, canteiros de flores, cafezinhos simpáticos, lojas de recordações e a simpatia dos angrenses. É um capricho, sei-o bem. Haverá muitos mais.

Há quarenta anos, Angra do Heroísmo teve a honra de se tornar a primeira cidade portuguesa a receber a qualificação de Património Mundial pela Unesco. Este é um filão de ouro ainda não descoberto.

(*) Sacerdote católico

JORGE FORJAZ. ANTIGO DIRETOR REGIONAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS

Classificação de Angra garantiu à cidade uma “imagem de marca”

ANGRA DO HEROÍSMO É PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE HÁ QUARENTA ANOS (DESDE SETE DE DEZEMBRO DE 1983). QUANDO A CIDADE CAIU, A UM DE JANEIRO DE 1980, ÀS MÃOS DE UM SISMO VIOLENTO, ERA DIRETOR REGIONAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS. COMO E QUANDO NASCEU A IDEIA DE TENTAR INTEGRAR A CIDADE NA LISTA DA UNESCO?

Creio que a ideia nasceu no seio do Instituto Histórico da Ilha Terceira, pela sugestão do Dr. Álvaro Monjardino, a que a Direção Regional dos Assuntos Culturais logo se associou. Deu-se, aliás, a circunstância singular de estarem em lugares de decisão em matéria da património, três sócios do Instituto Histórico – o Dr. Reis Leite (Secretário da Educação e Cultura), Dr. António Maria Mendes (chefe do Gabinete) e eu próprio (diretor regional dos Assuntos Culturais), todos licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, e todos comungando da mesma formação cultural básica. Desde a primeira hora que estivemos todos de acordo sobre o caminho a percorrer, criando-se assim um ambiente extremamente favorável a rápidas tomadas de decisão.

A CIDADE ERA UM ESTALEIRO NESSE DIA SETE DE DEZEMBRO DE 1983. COMO FOI POSSÍVEL CLASSIFICAR UMA CIDADE QUE ESTAVA LITERALMENTE CAÍDA? E QUAIS FORAM OS CRITÉRIOS ESSENCIAIS DA CLASSIFICAÇÃO?

Porque a proposta de classificação valorizava mais o papel que Angra desempenhou como «Carrefour» do Atlântico na época áurea dos Descobrimentos, do que a qualidade superlativa do seu património arquitetónico. Com efeito, para nós, angrenses, Angra é como o rio que passa na minha aldeia, do poema de Pessoa, mais importante mesmo que o Tejo, pois que Tejo não passa pela minha aldeia. Portanto, esta nossa cidade é, talvez, para cada um de nós, a melhor cidade do mundo



JORGE FORJAZ. “...o papel que Angra desempenhou no séc. XVI, esse é só nosso – aí ninguém nos passa a perna”

– mas na relatividade das coisas, cidade bonitas, preches de património arquitetónico, rigorosamente conservado, há-as por essa Europa fora aos montes. Mas o papel que Angra desempenhou no séc. XVI, esse é só nosso – aí ninguém nos passa a perna. E foi essa singular característica que a UNESCO apreciou e aprovou.

ANGRA DO HEROÍSMO NÃO TINHA GABINETES DE ARQUITETURA EM 1980. A CARÊNCIA DE TÉCNICOS EM VÁRIAS ÁREAS ERA CATASTRÓFICA. A IDEIA DE PATRIMÓNIO MAL EXISTIA E DEVE-SE A SI A VULGARIZAÇÃO E EXPLICAÇÃO MEDIATIZADA DO CONCEITO (EM ESPECIAL ATRAVÉS DOS SEUS PROGRAMAS NA RTP-A). QUE TEMPOS ERAM ESTES? COMO FOI POSSÍVEL AGARRAR UM CONCEITO E UMA PRÁTICA ASSOCIADOS AOS PADRÕES UNESCO?

Tempos bem difíceis – faltavam-nos os técnicos, as verbas e o enquadramento legal. Talvez

mesmo o tempo, antes que ruísse tudo, levando o resto por uma qualquer réplica mais violenta. Para enfrentar a parte que me tocava, calcei as botas da tropa e perambulei pelas ruas e ruínas, buscando dar alento aos que me abordavam com o trágico «e agora?» Na realidade, nada nem ninguém estavam preparados para enfrentar tal tarefa – reconstruir quase tudo e por critérios de exigência que eu já cultivava desde antes do 25 de Abril. E os tempos não foram só difíceis pelas razões que apontei, mas também pelos escolhos no caminho, pelas resistências, pela apologia das facilidades, pela incompreensão de muitos responsáveis. Desistir, no entanto, não fazia parte do cardápio das emoções. E li muito, viajei, fui ver o que outros fizeram em circunstâncias análogas, discuti com meio mundo, e lá se foi remando na direção do res-

tauro da cidade. Fez-se o que se podia, e hoje, olhando para trás, até me parece mentira...., quando nos lembramos do estado em que tudo isto ficou!

TANTOS ANOS DEPOIS, VALEU A PENA CLASSIFICAR A CIDADE? NO BALANÇO PRÓS-CONTRA, O QUE PÔE DE ESSENCIAL EM CADA PRATO DA BALANÇA? Claro que valeu – desde que a alma não seja pequena. E às vezes foi! Mas o balanço é positivo, pois que criou uma imagem de marca de que os angrenses careciam. Mas, lamentavelmente, ainda subsiste subliminarmente um espírito de contestação às diretivas da UNESCO, instituição que, aliás, nem está muito presente na cidade, refletindo assim o pouco caso que algumas vezes se tem feito das apreciações que aquele organismo faz acerca da conservação e utilização do nosso património. Paciência...

Quando Angra do Heroísmo caiu (1980) e quando foi classificada como Património da Humanidade (1983), Jorge Forjaz era Diretor Regional dos Assuntos Culturais. É crítico ao que considera um “espírito de contestação” às regras da UNESCO, mas defende que o balanço da classificação “é positivo”, até porque criou “uma imagem de marca”.

TALVEZ PASSASSE PELA CABEÇA A POUÇOS...

Uma elite intelectual nas horas e lugares certos



O CAOS. A classificação pela UNESCO resulta da queda da cidade

ARMANDO MENDES

Há quarenta anos qualquer conceito de património seria um ilustre desconhecido para a esmagadora maioria dos habitantes da ilha Terceira. A palavra “património” teria significa para os poucos que tinham muito – terras, casas, outros bens, dinheiro... Um ou outro mais viajado ou de maiores estudos talvez já tivesse ouvido falar de património fora do contexto das respetivas poses. Certo, certo, é que conceitos como “património construído”, “património imaterial”, até “património natural”, não estariam no nosso espaço público. Essa é uma das razões que transformaram em algo excepcional a decisão de candidatar Angra do Heroísmo a Património da Humanidade (UNESCO). A cidade caiu por ação do sismo de um de janeiro de 1980. A preocupação imedia-

ta, no meio do caos, era reconstruir. Desse caos, porém, emerge uma elite intelectual, centrado no Instituto Histórico da Ilha Terceira (IHIT), que se mostra capaz de elaborar e defender uma candidatura de sucesso integrada num conceito recente de património que visa determinadas funções desempenhadas por um aglomerado urbano, um lugar, e não um edifício, por exemplo. No caso, é defendida com sucesso a ideia de Angra do Heroísmo enquanto cidade que desempenhou funções da maior importância na projeção da Europa para o Atlântico e através dele para outros mundos.

A História há de reconhecer os nomes de Álvaro Monjardino, Reis Leite, Jorge Forjaz e Baptista de Lima. Uma elite intelectual. Todos nos lugares certos à altura (uma sorte!) e todos pertencentes ao IHIT. Merecem reconhecimento. E homenagem.

editorial.

VIVER ANGRA A PARTIR DE DENTRO

Angra está a comemorar os 40 anos de inscrição na Lista de Património da Humanidade e a edilidade houve por bem realizar uma série de conferências e outros eventos, coroados, na sessão de segunda-feira, com uma mesa redonda que teve como ponto de discussão: “Como podemos preparar o futuro?” Sessão animada por variados testemunhos que saíram do seio de quatro dúzias de angrenses empenhados na sua cidade e que tiraram o serão de uma noite húmida para partilharem ideias. A geração dos mais velhos falam do futuro de Angra, pelo menos desde o sismo de 1980, sobretudo desde 1983 em que Angra consegue a proeza de ver integrado o seu centro histórico na lista de património da humanidade. Nós que vivemos a cidade todos os dias, achamos que tem havido muita discussão à volta do futuro, muitas conferências, outras tantas mesas redondas, mas a verdade é que o futuro é um processo dinâmico dentro de um túnel sem fim à vista. Criou-se uma série de regras tombadas em leis e regulamentos aos quais muito fica a dever a preservação do património mas que também são responsáveis pelo pouco incentivo à nova arquitetura de qualidade e ao pouco convencimento de muitos angrenses. As discussões que ainda nos empolgam são à volta de um centro histórico fechado ao trânsito ou de mais vida para a sua baixa. O sismo de 80, bom grado a recuperação que proporcionou, teve um efeito de relativo abandono da cidade por quem viu as suas casas arrasadas e construiu alternativa nos arredores. Cedo se começou a discutir que a Angra não bastava ser classificada como património da UNESCO e que tal só fazia sentido se atraísse gente, de novo, ao seu centro histórico. Muito se lavrou à volta da criação de incentivos para que os casais jovens regressassem à cidade porque sem isso o futuro de Angra estaria comprometido. Essa realidade mantém-se, hoje em dia, havendo ruas no coração da urbe, em que os vizinhos não são vizinhos e ruas em que os moradores se contam pelos dedos das mãos. Cidade cheia de vida durante o dia, com um inferno para estacionar o carro e uns tantos a quererem fechar ruas e, à noite, se não forem as atividades de animação proporcionadas pela edilidade, não se vê vitalma. Essa discussão é bem viva, andamos há décadas a discutir esse problema, mas as soluções tardam em chegar. Uma boa parte dos prédios devolutos encontrou solução nos apoios ao turismo enquanto alternativa ao mercado de habitação. Ajudam à animação da cidade na época alta, mas a sazonalidade impera e torna-se fogo de pouca dura. Faltam ao futuro de Angra políticas que apoiem uma cidade património que justifiquem a opção de viver no seu centro, pela simples razão de que a preservação do seu património só faz sentido se as pessoas fizerem parte dele habitando-o. Viver a cidade significa isso.